



Consolidar o associativismo em tempo de concorrência invulgar

Luís Pedro Mateus | Eng.º Civil, Monumenta, Lda.

A necessidade faz o engenheiro. Refiro-me, neste contexto, às necessidades imediatas das empresas, em grande parte pequenas e médias empresas do sector da reabilitação e conservação do património edificado, que assistem à urgência de tomar opções difíceis para tentar ultrapassar este período de escassez.

Mas qual será o engenheiro mais eficiente para dar resposta a essa necessidade?

O cenário actual incita à procura agressiva de trabalho, para manter as empresas no activo.

Os efeitos secundários da concorrência desmedida são cada vez mais evidentes. Um dos mais preocupantes é a degradação notória das condições de preço, sentida por todas as empresas do sector, fenómeno esse difícil de contrariar por empresas que zelam por uma postura correcta e pela qualidade e rigor nas suas intervenções. Essa circunstância revela-se especialmente preocupante quando se trata de intervenções sobre o património construído, histórico e cultural. Serão inevitáveis os danos (também financeiros) que obrigarão a um mero adiamento da despesa que não se pôde alocar, por algum motivo, ao processo na sua fase principal de investimento.

Assistimos, com alguma surpresa, ao fim de algumas empresas que já acumulavam um histórico importante de intervenções assinaláveis e de vida. Assistimos, já com

menos surpresa, ao mesmo desfecho noutras empresas, algumas delas até com idêntico percurso.

Isto remete-nos então de novo à questão da necessidade.

Será que o melhor engenheiro é por via da degradação de preços e de uma mudança, para pior, da postura das empresas no mercado? Ou será que, ao invés, o melhor engenheiro passa por firmar critérios mínimos de postura e de qualificação das empresas, para que assim se consiga disciplinar o nosso (pequeno) mercado? Talvez seja mais sustentável e fértil investir num engenheiro que dê resposta a esta última hipótese. É e será, com certeza, um engenheiro mais complexo e difícil de conceber.

O papel das associações de empresas deste sector, onde se destaca o papel activo do GECORPA, é, entre outros, reunir vontades comuns que se inscrevam neste último objectivo, que é procurar disciplinar o mercado específico da reabilitação e conservação do património edificado, com os bons exemplos dos seus associados. Qualquer associação vale pelas intenções comuns dos seus associados, que se traduzem em credibilidade. É uma tarefa complexa e contínua, mas que se tem revelado importante, e que é necessário consolidar ■